

Ao Editor

UMA FALHA NA FORMAÇÃO
DO MÉDICO GENERALISTA

A Falta de conhecimentos
básicos sobre o tratamento das
incapacidades físicas mais comuns

A Formação de médicos generalistas tem absorvido importante atenção das autoridades do ensino médico em nosso país. De fato, parece ter alcançado o consenso a orientação de criar condições e oportunidades para o preparo de profissionais capazes de enfrentar com desembaraço e eficiência a rotina do atendimento clínico geral de uma população cuja clientela é constituída de crianças, mulheres grávidas, pacientes cirúrgicos e da clínica geral. Para atender a uma comunidade desta natureza, idealizou-se o médico generalista a quem se proporcionaram conhecimentos nas áreas da pediatria, ginecologia-obstetrícia, cirurgia geral e clínica médica. Entretanto, nossas autoridades do ensino médico não se aperceberam ou não dispensaram a devida importância ao fato de que, em cada 100 pessoas que procuram o médico generalista, 10 por cento apresentam alguma forma de incapacidade física, carecendo de cuidados e de tratamento fisiatríco.

Ora, é preciso que se entenda que a formação do médico generalista exclusivamente nas áreas da pediatria, ginecologia-obstetrícia, cirurgia e clínica geral, tal como é recomendada hoje — não é suficiente para seu adequado desempenho profissional na atual realidade brasileira.

Por causa do contingente de pessoas sofrendo deficiências físicas produzidas por doenças reumáticas, neurológicas, pneumológicas, ortopédicas, cardíacas e outras, torna-se necessário que o médico generalista receba também noções práticas gerais sobre como proceder em relação a uma criança deficiente física ou a um adulto incapacitado por doença ou trauma.

Entre nós, é muito conhecida a freqüência das encefalopatias crônicas da infância, de certas afecções paralíticas, de desvios posturais que afetam a população infantil. Igualmente não escapa ao conhecimento de todos a existência de grande número de

pacientes neurológicos, reumáticos, ortopédicos que procuram o médico para tratamento de suas deficiências motoras incapacitantes.

Segundo a Organização Mundial da Saúde e a Rehabilitation International, são 12 milhões de brasileiros nessas condições, vivendo em maioria sem o atendimento apropriado. Seria, portanto, extremamente recomendável que as faculdades de medicina incluíssem em seus currículos escolares um programa mínimo de aulas prático-teóricas sobre o tratamento fisiatríco das incapacidades físicas mais comuns na infância e na idade adulta. Tal programa de aulas poderia ser administrado através de um curso compacto constituído pelos seguintes temas:

1. Exame do paciente incapacitado com vistas a um programa de reabilitação. Elegibilidade para tratamento. Noções gerais sobre um programa de reabilitação;
2. Noções gerais sobre os agentes físicos e seu emprego no tratamento das doenças. Efeitos, técnicas de tratamento e indicações;
3. Semiologia fisiatríca geral. Teste muscular manual, Goniometria, Exame de Postura, Diagnóstico elétrico clássico;
4. Noções gerais sobre Massoterapia e sobre Exercícios terapêuticos;
5. Noções gerais sobre próteses, órteses, cadeiras de rodas, bengalas, muletas e outras ajudas mecânicas;
6. Noções gerais sobre métodos especiais de tratamento;
7. Fisioterapia na paralisia cerebral e na deficiência mental;
8. Fisioterapia aplicada ao paciente reumático;
9. Fisioterapia aplicada ao paciente traumatológico-ortopédico;
10. Fisioterapia aplicada ao paciente neurológico;
11. Noções sobre estimulação essencial;
12. Enfermagem de reabilitação.

O programa supracitado seria administrado de forma intensa e teria um caráter eminentemente prático-teórico oferecendo o máximo de aproveitamento para o jovem futuro médico.

Tratando-se de um programa compacto, teria a virtude de não sobrecarregar em demasia o currículo escolar da Faculdade de Medicina. Por outro lado, considerando que a formação do médico generalista estaria mais completa, ter-se-ia a certeza de assim

estar melhor atendendo às necessidades reais da população.

R.E. de Araujo Leitão
Docente Livre e Professor Adjunto de
Medicina Física e Reabilitação da UFRJ

Ao Editor
Homenagem a Rubens Maciel

OS TRÊS DEGRAUS DA EXCELÊNCIA PROFESSORAL

No mês de maio de 1983, a Enfermaria 29 da nossa Santa Casa de Misericórdia e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, completou 35 anos de fecunda atividade no campo de ensino, da pesquisa e da assistência médica. Naquela oportunidade, expressiva homenagem foi prestada ao Professor Rubens Maciel, fundador e grande promotor da Enfermaria 29 e um dos mais eminentes educadores médicos do Brasil. Da homenagem fez parte saudação que tive o prazer de lhe dirigir e que vai aqui reproduzida.

"Na primeira parte desta manhã, a Dra. Loanda Lugon declarou que, ao entrar no Anfiteatro desta nossa Enfermaria 29, e olhar para o senhor, Prof. Rubens Maciel, sentira-se como quando terceiranista de Medicina, comparecendo a mais uma aula sua. A única coisa que ela estranhara, era a falta do seu elegante avental branco. Ainda nesta manhã, o Dr. Moysés Lerrer contou da ovação dos alunos do atual 3.º ano da nossa Faculdade de Medicina. Ovação que silenciou as suas palavras de despedida, ao encerrar, na terça-feira desta semana, aquilo que o senhor considerava ser a sua última aula como Professor de nossa Escola.

Hoje, Professor, não há aula neste anfiteatro. Mas ele está repleto de gente. O senhor está aqui, próximo do quadro negro. Mas não há aula. As aulas, o senhor mesmo o declarou, já se encerraram. O senhor não está de avental branco. Nem as pessoas que compõem a platéia estão em trajes de aula. Estão todas em traje de festa. Uma festa que foi montada para homenageá-lo.

No entanto, Prof. Rubens, se eu perguntasse a todos e a cada um dos que aqui estão — que não vieram aqui para aula mas para homenagem — o que eles mais gostariam de que agora acontecesse, tenho a certeza, eles me diriam que o que mais gostariam era de ouvi-lo falar. Este sentimento, Professor, ilustra o raro, o invulgar talento que o senhor possui para criar ambiente educacional ao seu redor. Eu considero este talento a virtude que permite a algumas pessoas galgarem o primeiro degrau da excelência professoral.

Das muitas coisas que se têm estudado e das poucas que se têm aprendido sobre memória, uma delas diz que cada informação que se retém corresponde a uma molécula proteica que é estam-

pada, em nosso cérebro, com esta informação. Diz também que esta marcação molecular só ocorre quando uma tinta especial é utilizada. Esta tinta especial é um ambiente emocionalmente rico. Que faz com que as coisas que nele se digam e se pense sejam registradas de maneira indelével no nosso cérebro. A tarefa primeira do professor é garantir que um ambiente desta ordem, um ambiente educacional, se assim podemos chamá-lo, seja criado ao seu redor. Só depois de instalada esta atmosfera é que o processo educacional pode ter um efetivo andamento.

Há entre os nossos alunos uma não rara referência de que os professores de clínica são melhores do que os professores de matérias básicas. Não é verdade. Não há esta diferença. A diferença que existe é que o professor de clínica, na maioria das vezes, dá suas aulas junto ao leito dos doentes. E, nesta circunstância, o doente cria o ambiente emocional que favorece o processo educativo. Mas, nas cadeiras básicas, a responsabilidade fica toda com o professor. O que expõe, com maior rudeza, as suas eventuais limitações.

Nós todos já tivemos experiência com situações em que dois professores, donos do mesmo saber, nos dão aula. A aula de um, anos após, a gente recorda em detalhes. A aula do outro, dias após, já está esquecida. A diferença é a competência ou não, de um e de outro, de tornar a sua mensagem duradoura.

Na nossa vida pessoal, este fenômeno tem ricas ilustrações. Nós todos lembramos, com todos os detalhes — se chovia, se o tempo era bonito, se havia lua, se não havia — a ocasião em que demos o primeiro beijo na primeira menina que nos enterneceu. Porque o momento emocional era muito rico. E, por isso, inesquecível. O amor é eterno não porque obriguemos os jovens a jurá-lo como tal. O amor é eterno porque os momentos de amor são ricos desta atmosfera emocional. E o que neles se vive é inapagável de nossas memórias. Ainda que o queiramos, nunca conseguiremos esquecê-los.

Que o senhor, Professor Rubens, possui este talento são testemunhas todos os que aqui estão. E testemunhas são todos os que, aqui não estando, algum dia tiveram a oportunidade de ouvi-lo. Os seus alunos lembram, com uma riqueza impressionante de detalhes, aulas que o senhor deu, décadas atrás. O senhor é, certamente, um professor que sobe com autoridade este primeiro, decisivo degrau da qualificação professoral.

Mas, após este primeiro degrau, há um outro degrau. Mais difícil de ser galgado. E que somente uma parcela dos que subiram ao primeiro, consegue alcançar.

Ao professor que tenha tido a competência para criar o bom momento educacional, abre-se, de pronto, um enorme desafio: o de que ele aproveite este momento para que o aluno cresça, dentro dele, com forma própria. Não com a forma do seu professor. Desafio ao professor a que resista a tentação tão humana de pretender dar às coisas, que o momento permite sejam fixadas, a sua forma pessoal, a sua marca.

Muito poucos professores conseguem furtar-se a esta provocação. Nós temos inúmeros exemplos de professores, hábeis galgadores do primeiro degrau, que sucumbem a esta tentação. Criam discípulos, criam seguidores, mas não conseguem criar elementos com forma própria, diferente da sua. Estes professores chegam a resultados que não se podem chamar de maus. Os seguidores, os discípulos que eles moldam, executam bem as suas tarefas; mas, ainda que de boa qualidade, não vão além de cópias de papel carbono de seu mestre, de seu professor.

Basta olharmos para os que aqui estão, para verificarmos com que grau de excelência o senhor conseguiu fazer germinar o talento daqueles a quem educou. Sem lhes alterar as tendências próprias de crescimento. Eu olho para a nossa platéia e nela vejo radiologistas, cardiologistas, pneumologistas, nefrologistas, internistas. Representantes ilustres dos mais distintos ramos do conhecimento médico. Todos eles foram seus alunos. Todos eles tiveram a sua influência, mas cada um cresceu à sua forma. Este talento, eu compararia ao de um jardineiro, que cria as condições para que a semente germine — enriquece-lhe a terra, irriga-a adequadamente, expõe-na convenientemente ao sol, protege seus brotos dos ventos — mas não lhe altera as potencialidades germinativas. Não altera os caminhos pelos quais os ramos da planta procuram, à sua moda, se aproximar do céu.

Poucos professores galgam com firmeza este segundo degrau. E os que lá chegam logo percebem que este ainda não é o último a desafiá-los. O terceiro degrau é conseguir que os alunos sintam que o seu professor busca, com eles, a melhor aproximação da verdade. Aproximação em que o professor põe o todo das suas forças íntimas, do seu talento pessoal, mas que nunca subordina às forças circunstanciais dominantes no momento.

Para se saber se um professor alcançou o terceiro degrau, o teste do tempo é decisivo. Nós, nesta festa de 35 anos, temos esta privilegiada vantagem: a de poder contemplar o seu trabalho ao longo de muitos anos de atuação. Esta perspectiva do tempo nos diz aquilo que os seus alunos nunca precisaram de tanto tempo assim para concluir: o de que nunca o senhor se deixou guiar pelos poderes externos dominantes, em cada ocasião da sua vida.

Nós temos vivido, no nosso mundo, uma variedade muito grande de influências, na seqüência do tempo. Esta variedade de "senhores do momento", ainda que possa ter aspectos negativos, tem para mim um aspecto bom: é que ela permite testar situações tão valiosas quanto esta que aqui proponho. No mundo dos alunos que treinaram nesta enfermagem, ao longo destes 35 anos, nós encontramos gente da mais variada posição e crença: política, religiosa, econômica, social. Nunca foi feita discriminação de ninguém nesta casa, a partir das cores que a sociedade põe em cada um de nós. Nunca o ritmo da música que dominasse o momento exterior prejudicou ou facilitou o trânsito de quem quer que fosse dentro

desta casa. Nós conhecemos aqui destros e canhotos, no campo político. Conhecemos aqui pessoas encantadas na fé, pessoas descrentes da fé, agnósticos. Nós conhecemos aqui indivíduos apaixonados por diferentes correntes dentro da própria ciência. Nunca vimos qualquer discriminação em relação a qualquer um deles. Nunca vimos estas diferentes posições alterarem o ambiente educacional desta casa. Esta tranqüilidade que o aluno sente quando percebe que o seu professor não caminha movido pelas tentações corriqueiras do ser humano, a começar pela mais comum de todas elas, a tentação do poder, dá ao trabalho deste professor uma qualificação que muito poucos professores do mundo chegam a possuir. É, por isso, Professor Rubens, por assomar com tanta legitimidade ao topo deste terceiro degrau que o senhor constituiu-se num mestre excepcional. É por isso que o seu nome escapou das nossas fronteiras e é referido e indicado como um dos mais talentosos artifices da inteligência humana que passaram pelo cenário educacional do Brasil.

E é porque tudo o que eu disse corresponde à verdade, que todos os que aqui estão, estão ansiosos por ouvi-lo. Ouvi-lo mais uma vez, e mais uma vez aprender com o senhor. E se todos estão tão desejosos de que isto ocorra, permita que eu lhe diga o quanto estou desejoso de que isto ocorra a mim também.

Mario Rigatto

Professor Adjunto de Medicina
Interna da faculdade de Medicina
da UFRGS

Meu caro Professor Rigatto

Não resisto à tentação de responder a sua carta, agora publicada em nossa Revista. E a não-resistência à resposta se torna tão prazerosa que a tentação como que se agiganta. Vamos, então, à resposta.

Em primeiro lugar, meus maiores agradecimentos pela lembrança de publicar na Revista da ABEM as palavras pronunciadas em homenagem ao Prof. Rubens Maciel, mormente quando a forma da expressão, ao lado do conteúdo significativo com que nos acostumamos a ver em tudo o que é feito pelo caro colega, se reveste da forma elegante, escorreita, amena.

Em segundo, não poderia deixar de me associar à homenagem ao ilustre Professor Rubens Maciel, entre outros e diversos motivos, pelo brilhantismo com que presidiu a Associação Brasileira de Educação Médica, entre 1970 e 1972. E não poderia deixar de agradecer, ainda uma vez, a honra e a confiança com que fui brindada, nesse período, de trabalhar sob sua sábia orientação na Diretoria Executiva da ABEM.

Celia Lucia Monteiro de Castro
Diretor Executivo/ABEM

Nota da Redação

Recebemos carta do prof. José Luís da Silveira Baldy, do Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual de Londrina, tecendo considerações sobre as diferenças encontradas entre o texto original apresentado à publicação na Revista Brasileira de Educação Médica e o artigo publicado no volume 7, número 2, sob o título "Ensino de doenças infecciosas e parasitárias no curso de graduação de escolas médicas brasileiras".

Reconhece o prof. Baldy que as modificações feitas não alteraram significativamente o conteúdo do trabalho, mas assinala as alterações feitas notadamente no que tange à pontuação (acréscimo de vírgulas e deslocamento da posição de pontos), a substituição ou supressão de palavras, o uso do plural etc. Encarece, ainda, a necessidade de que estas modificações sejam comunicadas ao autor

do trabalho, antes de sua publicação, visando à obtenção de anuência.

É norma da Revista Brasileira de Educação Médica proceder à revisão de linguagem dos textos submetidos à publicação; consta, inclusive das instruções aos colaboradores que tais modificações não serão comunicadas ao autor. Dada, no entanto, a advertência feita pelo caro colega prof. José Luís da Silveira Baldy, procuraremos, na medida do possível, uma vez feitas as modificações consideradas necessárias, remeter o trabalho ao autor (ou autores), antes da publicação objetivando obter autorização para a efetivação das mudanças. Agradecemos, assim ao prof. Baldy a colaboração prestada, a qual entendemos como um desejo sincero de contribuir para um progressivo aperfeiçoamento de nossa Revista.

Organizações funcionais, à análise de fármacos, nos seus vários aspectos. Não entra em detalhes sobre os fundamentos destas disciplinas, que os alunos já devem ter assimilado nos anos anteriores de seu curso. Por isso é sucinta e essencialmente prática a apresentação dos diversos métodos de caracterização, identificação e dosamento de fármacos, mesmo daqueles constantes da RENAME (Relação Nacional de Medicamentos Essenciais) a que se deu maior ênfase e atenção. Por outro lado, o dosamento em meio não-áquoso e a análise de grupos funcionais são extensivamente tratados. Nas últimas edições das Farmacopéias, o dosamento em meio não-áquoso é o método recomendado para cerca de 300 fármacos.

CONTÉUDO

Doenças Básicas // Medicamentos e Controle de sua Qualidade // Análises Farmacopéias // Caracterização Farmacológica // Determinação do pH // Relatometria // Polimetria // Detecção de Impurezas // Adjuvantes // Fisiopatologia // Métodos de Identificação // Ensaio de Identificação de Funções ou Grupos Químicos // Espectrofotometria de Absorção // Determinação Quantitativa // Métodos Clássicos de Dosamento de Fármacos // Análises Químicas // Análises de Grupos Químicos // Titulometria de Neutralização // Titulometria de Oxidação-redução // Absorção // Complexometria // Gravimetria // Precipitação // Dosamento de Algumas Classes de Fármacos // Apêndices // Índice Alfabético

Emergências Médicas

4ª ed. — 1984 — Editora Guanabara Koogan

Mário López

Professor Titular do Departamento de Clínica Médica, da Faculdade de Medicina da UFMG

e mais 75 colaboradores

Organizado e editado pelo Professor Mário López, também um dos colaboradores e plenamente responsável por a tarefa, este compêndio aborda os temas da emergência médica de maneira sucinta, clara e moderna. Não se limita a indicar, de forma sumária as medidas de primeira ordem, a qual se restringem a manter a vida e a chamar a atenção. Nesta, as emergências médicas são tratadas como temas importantes e complexos, com ênfase na prática da medicina clínica, exigindo conhecimentos e pericia ao lado de técnicas laboratoriais. Na verdade, a emergência médica é uma situação que se verifica frequentemente na prática clínica e exige conhecimentos e habilidades para a sua resolução. O autor apresenta um tratamento que se caracteriza por ser conciso, objetivo e prático, exigindo pouco tempo de leitura e de aplicação. A organização moderna dos problemas clínicos aqui é necessária, embora não seja a única, para a obtenção de resultados. Na prática, não se discutem temas tão variados com compacidade e objetividade, especialmente a experiência adquirida no trato diário da clínica, nos hospitais de ensino e outras unidades de assistência médica de alto nível.

CONTÉUDO

O Atendimento das Emergências Médicas // Emergências Cardiovasculares // Emergências em Farmacologia // Emergências Neurológicas e Psiquiátricas // Emergências nos Distúrbios Metabólicos // Endocrinologia // Emergências Gastroenterológicas // Emergências nas Doenças Infecciosas // Emergências nos Estados Alérgicos // Emergências em Obstetrícia // Emergências em Oftalmologia // Emergências em Otorrinolaringologia // Emergências em Urologia // Emergências em Ginecologia // Emergências em Pediatria // Emergências em Geriatria // Emergências em Envenenamentos Agudos // Emergências em Emergências em Emergências